

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A CRIMINALIDADE DA MÍDIA JORNALÍSTICA NA REGIÃO TURÍSTICA DE PUERTO VALLARTA-MÉXICO**

João Paulo Louzada Vieira\*, Marco Paulo Andrade\*\* &amp; Thiago Duarte Pimentel\*\*\*

**Resumo:** Este estudo buscou analisar como se manifestam as representações sociais relacionadas a violência e à criminalidade por parte dos veículos de comunicação impressos/digitais da região turística de Puerto Vallarta e Bahía de Banderas. Tomou-se o Notícias, vinculado à rede Televisa como objeto de análises nos últimos 5 anos (de janeiro de 2015 a dezembro de 2020), de onde foi possível extrair uma amostra relativa às notícias apresentou um total de 91 reportagens, em meio ao total de (622) reportagens publicadas pelo referido periódico no período em tela. Os dados foram analisados por meio do software Iramuteq, sendo geradas três classes de agrupamento do corpus analítico: (1) na classe 1 (Crimes na região) foram agrupadas reportagens cuja finalidade era noticiar crimes que ocorreram na região de Puerto Vallarta e que possuem certa relevância midiática por seu caráter "espetacular", como um tiroteio, por exemplo. Nas classes 2 (Crimes que envolvem personalidade pública) e 3 (Organizações criminosas) foram agrupadas reportagens que noticiaram crimes cometidos contra ou por pessoas públicas, e realizadas por cartéis e outras organizações criminosas, respectivamente. Os resultados apontam que, em parte, a realidade dos crimes locais não é veiculada pela mídia nacional. A criminalidade é representada apenas quando possui o poder de atrair a atenção pública por destoar do seu cotidiano ou por estarem relacionadas a figuras públicas. A veiculação de reportagens sobre o narcotráfico e as organizações criminosas ocorre em torno de figuras conhecidas mundialmente por sua influência no mundo do crime, como a família "El Chapo". Ao retratar a criminalidade em Puerto Vallarta, a mídia estrutura uma concretude que sanciona no público a necessidade de expressar ideias, de certa maneira genéricas e difusas sobre o crime na região. Conclui-se que, ainda que enquadrem a criminalidade em sua grade de notícias e permitirem uma ancoragem sobre o crime, as mesmas não representam fidedignamente a realidade expressa pela estatística de segurança pública, onde a omissão ou eufemização da criminalidade cotidiana propicia a ausência de uma representação sobre a insegurança para aqueles que não convivem no cotidiano da cidade, os turistas, contribuindo assim para não impactar significativamente a atividade turística, pela redução do fluxo de turístico e do ingresso de divisas.

**Palavras-chave:** Turismo; Representações sociais; Mídia; Criminalidade; Puerto Vallarta; México.

**SOCIAL REPRESENTATIONS OF CRIME IN THE NEWS MEDIA IN THE TOURIST REGION OF PUERTO VALLARTA-MEXICO**

**Abstract:** This research aimed to analyze how social representations related to violence and crime manifest in the print/digital media of the Puerto Vallarta and Bahía de Banderas tourist region. Notícias, linked to the Televisa network, was chosen for analysis over the last 5 years (from January 2015 to December 2020), from which it was possible to extract a sample of 91 news reports out of the total 622 published by the newspaper during that period. The data were analyzed using the Iramuteq software, generating three clusters in the analytical corpus: (1) in Class 1 (Crimes in the region), news reports focused on reporting crimes that occurred in the Puerto Vallarta region with a certain media relevance due to their 'spectacular' nature, such as a shootout, for example. In Classes 2 (Crimes involving public figures) and 3 (Criminal organizations), reports covered crimes committed against or by public figures and crimes committed by cartels and other criminal organizations, respectively. The results indicate that, in part, the reality of local crimes is not covered by the national media. Crime is represented only when it has the power to attract public attention by deviating from everyday life or being related to public figures. Reports on drug trafficking and criminal organizations revolve around figures known worldwide for their influence in the world of crime, such as the 'El Chapo' family. When portraying criminality in Puerto Vallarta, the media structures a reality that sanctions the public's need to express somewhat generic and diffuse ideas about crime in the region. It is concluded that, although they frame criminality in their news coverage and allow an anchoring on crime, they do not faithfully represent the reality expressed by public safety statistics, where the omission or euphemization of everyday crime promotes the absence of a representation of insecurity for those who do not live in the city's daily life, the tourists, thus contributing to not significantly and negatively impacting tourism activity by reducing tourist flows and currency inflow.

**Keywords:** Tourism; Social representations; Media; Criminality; Puerto Vallarta; México.

**REPRESENTACIONES SOCIALES DE LA CRIMINALIDAD EN LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN DE LA REGIÓN TURÍSTICA DE PUERTO VALLARTA-MEXICO**

**Resumen:** Esta investigación buscó analizar cómo se manifiestan las representaciones sociales relacionadas con la violencia y la delincuencia en los medios impresos/digitales de la región turística de Puerto Vallarta y Bahía de Banderas. Se eligió Noticias, vinculado a la red Televisa, para el análisis durante los últimos 5 años (de enero de 2015 a diciembre de 2020), del cual se extrajo una muestra de 91 noticias de un total de 622 publicadas por el periódico durante ese período. Los datos fueron analizados utilizando el software Iramuteq, generando tres agrupamientos en el corpus analítico: (1) en la Clase 1 (Crímenes en la región), se enfocaron en reportar crímenes que ocurrieron en la región de Puerto Vallarta con cierta relevancia mediática debido a su naturaleza 'espectacular', como un tiroteo, por ejemplo. En las Clases 2 (Crímenes que involucran figuras públicas) y 3 (Organizaciones criminales), se cubrieron crímenes cometidos contra o por figuras públicas y crímenes cometidos por cárteles y otras organizaciones criminales, respectivamente. Los resultados indican que, en parte, la realidad de los crímenes locales no es cubierta por los medios nacionales. La criminalidad se representa solo cuando tiene el poder de atraer la atención pública al desviarse de la vida cotidiana o estar relacionada con figuras públicas. Los reportajes sobre tráfico de drogas y organizaciones criminales giran en torno a figuras conocidas a nivel mundial por su influencia en el mundo del crimen, como la familia 'El Chapo'. Al retratar la criminalidad en Puerto Vallarta, los medios estructuran una realidad que sanciona la necesidad del público de expresar ideas algo genéricas y difusas sobre el crimen en la región. Se concluye que, aunque enmarcan la criminalidad en su cobertura de noticias y permiten un anclaje en el crimen, no representan fielmente la realidad expresada por las estadísticas de seguridad pública, donde la omisión o eufemización del crimen cotidiano promueve la ausencia de una representación de la inseguridad para aquellos que no viven en la vida diaria de la ciudad, los turistas, contribuyendo así a no impactar significativamente y negativamente en la actividad turística al reducir los flujos turísticos y la entrada de divisas.

**Palabras clave:** Turismo; Representaciones sociales; Medios de comunicación; Criminalidad; Puerto Vallarta; México.



Licenciada por Creative Commons  
Atribuição Não Comercial / Sem  
Derivações/ 4.0 / Internacional

\*Ph.D. candidate in Social Sciences at the Federal University of Juiz de Fora. Juiz de Fora, Minas Gerais, Brazil. [joaopaulo.jplv@gmail.com](mailto:joaopaulo.jplv@gmail.com)

\*\* Ph.D. candidate in Rural Extension at the Federal University of Viçosa - UFV. Viçosa, Minas Gerais, Brazil. [andrade.marco@ufv.br](mailto:andrade.marco@ufv.br)

\*\*\* Pós-doutor em Sociologia (Teoria Social e Realismo Crítico) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRRJ. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. Mestre em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Graduado em Turismo/UFMG. Professor Associado na UFJF, lecionando nos programas de pós-graduação em Ciências Sociais, Administração e Administração Pública na UFJF e no Mestrado Interdisciplinar e Turismo e Patrimônio na UFOP. Leciona na graduação em Turismo e em Ciências Humanas na UFJF. Membro da Associação Internacional de Experts Científicos em Turismo/AIEST e da Associação Internacional de Sociologia (membro do comitê diretor RC17- sociologia das organizações). Visiting Scholar na Université du Québec à Montréal / UQAM, Canadá (2023-2024), nos EUA, México, Cuba, e Equador. Diretor do Centro Latino-Americano de Turismo/CELAT e do Observatório Econômico e Social do Turismo/OEST. Ex-membro do Conselho Estadual de Turismo do Estado de Minas Gerais. Ex-vice-presidente do Conselho Municipal de Turismo de Juiz de Fora. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9841188234449467> ID Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1889-069X> [[thiago.pimentel@uff.edu.br](mailto:thiago.pimentel@uff.edu.br)]

## 1 INTRODUÇÃO

As mudanças no mundo social contemporâneo ocasionadas principalmente pela modernidade, urbanização e influências econômicas trouxe diversos problemas para a sociedade, dentre eles, destacam-se a criminalidade e a violência, o desrespeito dos valores e das normas e a fragmentação da identidade cultural (Giddens, 2008; Odália, 1983).

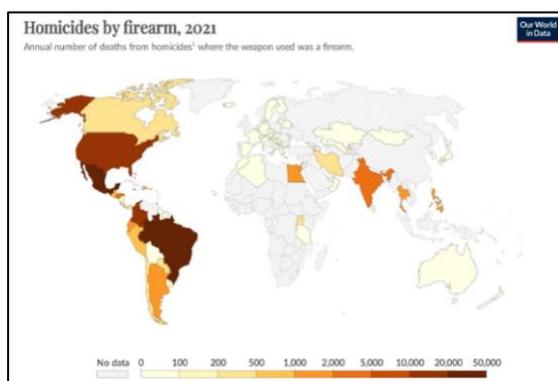
Nesse contexto, buscando solucionar parte do problema da sociedade contemporânea, as pesquisas sobre a criminalidade e violência praticadas por grupos vem sendo realizadas por sociólogos e outros estudiosos sobre tema por várias décadas.

Dado o fenômeno da urbanização desgovernada, bem como a falta de infraestrutura e acesso as condições básicas de sobrevivência, áreas dos grandes centros urbanos passaram a concentrar camadas populacionais de baixo status sociais, onde geralmente são aquelas com maiores índices de formação de gangues e subculturas delinquentes (Giddens, 2008; Bordua 1961).

Inicialmente na visão de Merton e Durkheim, e posteriormente aperfeiçoado pelas Teorias da subcultura, a sociedade apresenta estruturas defeituosas ocasionando assim a exclusão de alguns indivíduos por não se adequarem as normas culturais. Assim, cria-se um estado de anomia estrutural que acaba favorecendo para o surgimento de subculturas delinquentes (Viana, 2016).

Em um cenário que se assemelha as grandes guerras ocorridas no mundo, o fenômeno da violência e criminalidade constituem uma das principais pautas com maior impacto de audiência televisiva mundialmente. Por ser uma situação vivenciada e que afeta diretamente a vida em sociedade, a mídia tende a intensificar a veiculação de reportagens que reforçam esse aspecto comum e excêntrico no cotidiano, uma vez que esse tema ocasiona um aumento exponencial de audiência.

Segundo os dados do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC, 2023), dentre os países com maiores números anual de mortes por homicídio por 100.000 pessoas destacam-se: África do Sul (41,87); Honduras (38,25); Mianmar (28,44); México (28,18); Colômbia (27,48); Brasil (22,38); Nigéria (21,74); Namíbia (12,45) (Figura 1).



**Figura 1:** Números anuais de mortes por homicídio por 100.000 pessoas

**Fonte:** United Nations Office on Drugs and Crime (2023)

Ao dar visibilidade a tais situações, a mídia assim como as universidades, acabam por se tornarem importantes mecanismos que exercem papéis fundamentais para a elaboração de Políticas, principalmente relacionadas à segurança pública. Afinal, a mídia, em específico a televisiva, por ter um grande alcance nacional, possibilita a construção do senso comum e a discussão de tais temas no campo social.

Nesse contexto, dado o seu poder, a mídia contribui na construção de narrativas e percepção sobre os diversos lugares em um contexto global. Ao criar essas representações sobre lugares, chama atenção de diversas pessoas em um contexto nacional e internacional. Dessa forma, a importância que a mídia atribui a determinada notícia, pode modificar a dinâmica local, regional ou internacional, influenciando a economia, os meios de vida, entre outros. Assim, não seria diferente no setor turístico, onde a visibilidade proporcionada pelos veículos midiáticos interfere diretamente na procura de turistas por esses destinos.

Em se tratando de turismo, a mídia vem representando as regiões paradisíacas da América Latina, entre elas o México, como um dos principais destinos turísticos na atualidade. No tocante ao México, a cidade de Puerto Vallarta é famosa por suas praias e diversas possibilidades de práticas de esporte aquático. Em função disso, por ser o turismo a principal atividade econômica, os veículos de comunicação tendem a atribuir características positivas ao local, como por exemplo a vida noturna e as belezas naturais, deixando de lado outros aspectos sociais, como a criminalidade.

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo analisar como são construídas as representações sociais sobre a criminalidade em Puerto Vallarta – México e se essas representações acabam influenciando no desenvolvimento turístico da região. Para tanto, toma-se o Notícias, vinculado à rede midiática Televisa como objeto de análises.

## 2 REVISÃO TEÓRICA

### 2.1 Criminalidade e violência

Em uma perspectiva histórica, é notável o quanto a sociologia e a criminologia vêm dedicando suas pesquisas para entender o fenômeno da criminalidade e as causalidades que levam o indivíduo a cometer um determinado delito. Diversos são os caminhos que buscam elucidar tal característica. Grosso modo, pode-se dizer que a Escola Clássica concebe o indivíduo como responsável por seus atos, de modo que a prática criminosa é realizada simples e puramente pela vontade do mesmo. Nessa linha, as punições devem ter por definição a função de reeducar o sujeito para a vida em sociedade, assim o tipo de punição estaria relacionado a gravidade do crime, para propiciar que o infrator aprenda com os seus atos (Baratta, 2007). Já a escola positivista, o indivíduo não tem a escolha de não ser um criminoso, essa vertente determinista acredita que os criminosos possuem características biológicas que os configura como tal. Desse modo, não se busca ressocializar o criminoso, mas retribuir uma atitude delinvente com uma pena de impacto, ou seja, retribuir o mal com o mal (Baratta, 2007).

Nessa perspectiva, um dos trabalhos mais conhecidos neste campo de estudo foi elaborado pelo psiquiatra Cesare Lombroso (1835 – 1909), quem atribuiu como a causa da criminalidade a ocorrência de patologias individuais em seres humanos (Baratta, 2007). Em um estudo posterior, Durkheim (2002) teoriza que a criminalidade possui muito mais relação com o desvio moral do que outros fatores. Assim, acrescenta que o indivíduo, independentemente de suas crenças, “deve respeitar a vida, a propriedade, a honra de meus semelhantes mesmo que não sejam seus parentes nem seus compatriotas”. Acrescenta o sociólogo que “o ato imoral por excelência é o assassinio e roubo, e a imoralidade desses atos não diminui em nada quando são cometidos contra estrangeiros” (Durkheim, 2002, p. 153).

No limiar do século XX, vários estudos em diferentes áreas do conhecimento, trouxeram novas interpretações para a criminalidade, onde uma das instituições mais importantes que se dedicou ao fenômeno foi a Escola de Chicago. Diversos pesquisadores de diferentes ramos da ciência como economia, sociologia, antropologia, etc., apontaram características como a distribuição socioespacial, condições econômicas, ambientais e sanitárias como determinantes para crime.

Nesse contexto, também surgiram diversas correntes teóricas que se debruçaram para entender o fenômeno da criminalidade, dentre elas está a *Labeling Approach*. Considerada também como teoria do entiquetamento, rotulação, reação simbólica, interacionismo simbólico, a *Labeling Approach*, desenvolvida na década de 1960, teve como seus principais expoentes Howard Becker, Erving Goffman, Mead e Lemert (Sapori & Soares, 2015; Viana, 2016). De acordo com essa corrente teórica, a rotulação que um determinado grupo ou pessoas faz de um indivíduo influencia ou impulsiona para o seu ingresso no mundo do crime. Essa estigmatização realizada por pessoas ou grupos com valores sociais diferentes, poderá influenciar e potencializar as ações de um indivíduo (criminoso) (Sapori & Soares, 2015).

Um dos trabalhos que ganhou grande notoriedade no decorrer do século XX e que trouxe uma nova interpretação para a criminalidade foi, o livro *Outsiders: estudos de sociologia do desvio* (2009), de Howard S. Becker. Em sua obra, o autor enfatiza que nunca considerou seu trabalho como uma abordagem nova, seria apenas um ofício de um bom sociólogo.

No decorrer de seu livro, Becker (2002) substituiu o termo crime pelo que o autor vai chamar de desvio. Para ele, desvio focaliza em questões mais abrangentes do que somente aquelas relacionadas a quem pratica o ato criminal em si. Assim, vários tipos de atividades são caracterizados como desvio, mas nem todas de fato são crimes. Geralmente estão ligadas às ações coletivas, onde um determinado grupo estabelece se certas condutas estão corretas ou erradas conforme suas regras. Aquelas que recebem uma reprovação, são impedidas de serem praticadas.

Conforme aponta Becker (2002), dentro de uma determinada sociedade, existem vários grupos que se subdividem de acordo com seus interesses (grupos religiosos, grupos esportivos, grupos mafiosos e cartéis,

grupos criminosos e etc.). Todos esses grupos estão submetidos a uma regra geral (a regra da comunidade em que estão inseridos) e todos eles criam para seus membros, suas próprias normas, havendo também a violação das mesmas por seus membros.

Vários autores, incluindo Becker e Goffman, utilizaram o termo “desvio” em seus estudos, mas vale lembrar que essa nomenclatura não diz respeito somente ao crime, existe várias outras possibilidades dentro desse conceito que vai muito além do ato criminoso. A violação de uma simples regra social, que não esteja tipificada em um ordenamento jurídico, caracteriza desvio.

Becker (2002) utilizou o termo “outsiders” para designar aquelas pessoas que infringem regras, sejam elas de ordem jurídica ou não. Esses indivíduos geralmente não se adequam a um determinado grupo social, e acabam sendo rotulados pelo grupo ou parte da sociedade. Para além, segundo Becker (2002), há uma concepção ambígua sobre aqueles que criam e os que infringem a regra, onde os infratores também concebem aqueles que estipulam/criam as normas sociais como outsiders, uma vez que essas regras sociais fogem ou vem de encontro aos seus desejos pessoais.

Outra grande contribuição para o campo da sociologia do crime foi o conceito de estigma trabalhado por Goffman (1982). Segundo o autor, esse termo foi criado pelos gregos e remetia por meio de marcas corporais algo diferente naqueles que a carregavam. Geralmente seus portadores eram escravos, criminosos, fugitivos, ou seja, pessoas que deveriam ser afastadas do contato e convívio social, sendo restringidas de lugares públicos. Já na era cristã, esses sinais remetiam a algo de cunho positivo, ou seja, a pessoa portadora de marcas na pele era concebida como um ser abençoado pela graça divina.

Goffman (1982) ao estudar o conceito de estigma, acaba popularizando o termo e trazendo suas aplicações para o contexto atual. Para o autor, “atualmente, o termo é amplamente utilizado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal” (Goffman, 1982, p. 5). Logo, na concepção do autor o estigma trata-se da atribuição de características fenotípicas e (ou) culturais que são utilizados como marcadores para diferenciar e desacreditar indivíduos que possuem tais estereótipos indesejáveis.

Na linha de Baratta (2007), tem-se então, que a naturalização acusatória de certos grupos da sociedade, ao associá-los à uma vida criminoso ou propensa a criminalidade. O autor ainda pondera que tais ações fazem com que a pessoa comece a se compreender como parte desse todo acusatório, ou seja, em função desses bombardeios de estereótipos sociais o indivíduo começa a acreditar que para ele resta apenas o crime como modo de se expressar no mundo, contribuindo para o despertar delinquente.

Os estigmas são dotados de um poder valorativo, no qual a externalização ou veiculação dos mesmos pode influenciar comportamentos e opiniões. Desse modo, ao atribuir adjetivos a um grupo social, neste caso, como propensos ao crime, faz com que toda uma sociedade comece a concebe-los, equivocadamente, como criminosos. Para Baratta (2007), essa atribuição de

estigmas ou características físicas ao que viria a ser um possível criminoso, faz com que a criminalidade se configure como parte da realidade dos lugares onde os estigmatizados estão inseridos, assim sendo, as infrações criminosas passam a ser consideradas naturalizadas, tomando-se normais à aquele contexto em função da presença dessas pessoas, contribuindo para que as pessoas que possuem essas características sejam cada vez mais representadas como delinquentes. Logo, essa rotulação dos indivíduos tenderá a reforçar não só o medo como também a identidade delinquente, ainda que este não o seja.

Não obstante, para aqueles indivíduos cujas características destoam do perfil ou estigma delinquente, ainda que tenha cometido atos ilícitos e criminosos, as sanções a estes tendem a ser mais brandas ou aplicadas com menos rigor, destoando da relação entre punição e infração cometida (Baratta, 2007). Dessa forma, ainda que a sociedade seja norteada por regras de conduta, as representações sobre o indivíduo e (ou) ato criminoso vão se estruturar em relação ao estigma do perfil criminoso, assim, para uma mesma infração sanções distintas podem ser destinadas aos infratores em função do *status* que carrega. Tal observação reforça a análise de Goffman (1982), quando ele aponta que:

Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" - para usar um termo melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como "honestidade", da mesma forma que atributos estruturais, como "ocupação" (Goffman, p. 5, 1982).

A criminalidade e a violência, em um contexto global, comportam diversos tipos de atores sociais, instituições e organizações, como por exemplo, a máfia. Crimes como tráfico de drogas e armas, homicídios, furto, roubo, sequestro, são aqueles mais praticados em uma escala mundial e geralmente estabelecem uma relação entre si.

O tráfico de drogas e o homicídio estabelecem uma grande relação entre si, pois uma considerável parcela de traficantes é brutalmente assassinada por disputas de territórios e dívidas constantemente. O mesmo ocorre com o furto e roubo, pois um volumoso número de usuários de drogas que pratica esses atos para conseguirem alimentar seus vícios. Para além, o consumo de drogas, vem nos últimos anos fomentando um comércio ilícito internacional.

Grande parte desses crimes são financiados por organizações criminosas como quadrilhas, máfia e carteis. Envolvem um elevado número de pessoas que se articulam com uma mesma finalidade e muitas das vezes englobam órgãos e entidades governamentais, conforme evidência (Tranfaglia, 2010):

A relação entre máfia e política – cabe salientar os resultados consolidados pelas pesquisas científicas italiana e internacional – é estrutural e não acidental; os negócios abrangem um campo muito vasto no que concerne às licitações públicas de todos os setores, as armas e o tráfico de drogas,

aos quais se deve acrescentar o tráfico de seres humanos e de órgãos (do qual ainda não se conhecem nem as dimensões nem todas as provas judiciárias) (Tranfaglia, 2010, p. 118).

Em grande parte das vezes, por uma conveniência política, crimes violentos, sobretudo aqueles associados ao crime organizado não são noticiados para a população de maneira adequada pelos veículos de comunicação, essa situação é constatada por Tranfaglia (2010) ao estudar a máfia-política na Itália.

O estudo desenvolvido por Tranfaglia (2010) torna lúcido o envolvimento de vários agentes públicos (senadores, primeiro-ministro, governadores) com a máfia que culminaram em milhares de páginas de processos ao longo da história, relatando as particularidades do que era omitido pela mídia. Logo, muitas das apreensões de drogas e prisões dos chefes do tráfico local, podem não condizer com a realidade do narcotráfico, uma vez que os "cabeças" por detrás de todas as ações não são detidos (Cunha, 2019) e por conseguinte não fazem parte das estatísticas de segurança pública.

Ademais, segundo Cunha (2019), atos que vem de encontro as normas da civilidade são condenadas moral e socialmente, e que apesar de não serem criminosos, são percebidos pela sociedade como um desvio o que por sua vez, pode fazer com que as pessoas passem a representar um determinado local como inseguro caso esses indivíduos "incivis" estejam presentes. Além disso, a autora aponta que existem também uma correlação entre o gênero e a sensação de insegurança, onde a população do sexo feminino tende a se sentir menos segura, como consequência de uma construção sócio-histórica que consolidou certos tipos de comportamentos que contribuam para que as mulheres adotem comportamentos de reclusão, evitando alguns lugares, sair à noite, entre outros.

Para Cunha (2019) a percepção de insegurança está atrelada ao medo, que por sua vez está ancorado em uma série de fatores objetivos e subjetivos (estigma, estereótipos, entre outros). Esses fatores subjetivos, em certa medida é que vão delimitar imagicamente a sensação de insegurança, de aumento ou diminuição da criminalidade, mas não só, afinal, fazem parte também de um sistema de representação e por vezes podem contribuir pra estigmatização dos sujeitos.

## 2.2 Teoria das representações Sociais e a Mídia

Criada por Emile Durkheim (1858 - 1917) sob a forma de Teoria das Representações Coletivas e posteriormente reelaborada pelo psicólogo social, Serge Moscovici (1928 - 2014) como Teoria das Representações Sociais (TRS), a TRS vem tornando-se uma teoria interdisciplinar, abarcando diversas áreas do conhecimento, como psicologia, antropologia, sociologia, administração, entre outras.

De acordo com Moscovici (2015), antes mesmo da criação da Teoria das Representações Sociais, elas já circulavam na sociedade, mas não carregavam em si sua importância teórica. Coube a psicologia social buscar entender os elementos mais detalhados que engendraram as representações. Assim, Piaget foi o responsável em dar início a esses estudos ao pesquisar

as representações do mundo infantil, sendo ele um dos pioneiros ao aplicar a teoria e um dos principais exemplos até os dias atuais.

Assim como sua interdisciplinaridade, seus conceitos vão se diversificando de acordo com seu campo de aplicação. Minayo (2020: 73) acrescenta que:

Representações Sociais é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento. Nas Ciências Sociais são definidas como categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a.

Segundo Moscovici (1978) e Jodelet (2001), o cotidiano da vida em sociedade é cercado de representações sociais, elas estão presentes nas mais variadas formas de manifestações sociais, seja nos discursos, símbolos, imagens, e praticamente, em todas as formas de comunicação. Jodelet (2001), enfatiza a importância das representações sociais no processo comunicacional que perpassam as relações sociais. Para a autora, “com as representações sociais tratamos fenômenos diretamente observáveis ou reconstruídos por um trabalho científico” (Jodelet, 2001, p. 1).

Para a consolidação das representações sociais, dois processos são fundamentais nesse contexto: ancoragem e objetivação. Ancoragem, segundo Moscovici (2015) é um fenômeno que busca tornar algo que é estranho para um determinado indivíduo em familiar. Neste caso, as vivências e aspectos socioculturais de um determinado grupo social serão a base que irá fornecer os elementos para que ocorra a ancoragem. Já a objetivação é uma tentativa de trazer algo abstrato/do plano mental, para o plano concreto/material. Acrescenta Moscovici (2015) que objetivação “une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade” (Moscovici, 2015, p. 71).

Outro elemento fundamental para a construção, ancoragem e objetivação das representações sociais são os meios de comunicação. Por meio desses, as representações sociais passam a circular livremente entre os expectadores. Afinal, as reportagens, as fotografias, segundo Bueno (2002, p. 101):

[...] que ilustram as legendas das fotos a própria estrutura das reportagens veiculadas pela imprensa, ao mesmo tempo que contribuem para a formação ou transformação da visão de mundo do público, refletem os interesses e anseios de determinados grupos sociais [...].

À vista disso, evidenciando o poder dos veículos de comunicação, Hall (2013) argumenta que as mídias ao veicularem imagens e sons estruturam um regime de representação. Tal regime se dá em razão dos diversos significados que convergem da leitura intertextual das notícias considerando seu aspecto sócio-histórico.

Para além, na medida em que o “incomum” tem a capacidade de atrair o espectador e criar audiência, as mídias tendem a se concentrar seus esforços em veicular os fatos “excêntricos” do cotidiano (Cogo, 2012). Logo, a criminalidade como um “acontecimento”, viabiliza a construção de narrativas e histórias, evocando o crime associado às questões de ordem social, cultural e econômica que perpassam o tecido social.

Assim sendo, compreendendo o poder e a importância da mídia no processo de constituição das representações sociais, faz-se imprescindível estudar como a mídia regional cria um regime representacional sobre o crime.

### 3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, documental e de caráter exploratório, que tem por finalidade analisar materiais escritos (textos, jornais, entre outros) e não escritos (vídeos, áudios, entre outros (Lakatos & Marconi, 2001)). Em vista disso, tem-se, pois que o universo empírico, segunda etapa da pesquisa, se constitui no ambiente virtual, no site *televisa.com*, vinculado ao conglomerado de mídia mexicana, a Televisa.

A Televisa foi fundada na década de 1970 com a fusão da Television Independente de México e do Telesistema Mexicano, tornando uma das maiores redes de televisão comercial do mundo, sendo a maior do México e a maior produtora de conteúdo midiático em espanhol, exportando suas produções para diversos países. (Televisa, 2021).

O material analisado se constitui de reportagens disponibilizadas no *site noticiario*, vinculado a Televisa e que dispõe de notícias sobre as diversas cidades do México. A escolha por tal site se deu por fazer parte do grupo Televisa e da grande audiência que a Televisa possui no país, além de disponibilizar reportagens que se constituem em um formato midiático utilizado para veicular notícias das cidades diariamente, no caso específico deste estudo, Puerto Vallarta.

A amostra relativa às notícias apresentou um total de 98 reportagens televisionadas no intervalo de janeiro de 2015 a dezembro de 2020. De posse das reportagens, o material foi transcrito e analisado. Em um primeiro momento, os títulos das reportagens foram tabulados e analisados utilizando o software Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (Iramuteq), 0.7 Alpha2 versão 2020. O software referido possibilita a elaboração de uma análise lexical quantitativa. Neste tipo de análise as palavras são consideradas uma unidade de texto levando em conta a sua contextualização no corpus textual. Em um segundo momento, foram analisados os conteúdos (Bardin, 2001) das reportagens, considerando as narrativas dos repórteres, dos entrevistados e as imagens transmitidas.

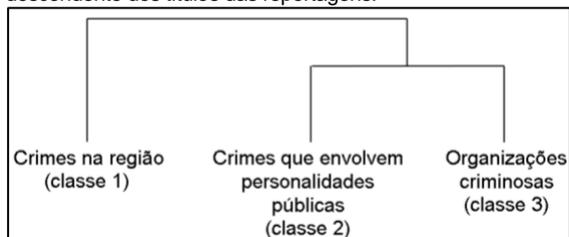
### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Encontrou-se um total de 91 reportagens que noticiam o crime em Puerto Vallarta. O ano com o maior número foi 2019 com 27, seguido de 2020 com 24, 2018 com 23, 2016 com 10, 2015 com 7 e 2017 com 6.

Analisando os títulos das reportagens com o auxílio do software Iramuteq 0.7 Alpha2 versão 2020 encontrou-se um corpus constituído de 101 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 110 STs (85,27%). Emergiram 1061 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 416 palavras diferentes e 286 que aparecem uma única vez, tendo uma frequência de ocorrência média de 26,96% e 68,75% por ST.

Por meio da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) foram geradas três classes de segmentos de texto distintas. Através da CHD ocorre levando em consideração a distribuição das palavras nos segmentos de texto. As classes foram categorizadas como: Crimes na região (1), Crimes que envolvem personalidades públicas (2) e Organizações criminosas (3) (Figura 1).

**Figura 1.** Dendrograma da classificação hierárquica descendente dos títulos das reportagens.



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Através do dendrograma tem-se 3 classes, em um momento inicial observa-se a divisão em dois subcorpóra, à esquerda a classe 1 e a direita as classes 2 e 3 que se subdividem. Explorando o dendrograma constata-se que a classe 1 (Crimes na região) agrupa em seu corpus reportagens que tem como finalidade noticiar crimes que ocorreram na região de Puerto Vallarta que possuem certa relevância midiática por seu caráter “espetacular” (Cogo, 2012), como a percepção da população local sobre a segurança pública, mas que não possuem comoção nacional, como:

Classe 1- Spring breakers llegam a Puerto Vallarta (2015).

Classe 1- Mujeres perciben mayor inseguridad que hombres, según el INEGI (2017).

Classe 1- Matan a presunto ladrón en camión de pasajeros en la CDMX (2018).

Balacera en bar de Puerto Vallarta deja una mujer muerta (2020).

As classes 2 e 3 (Crimes que envolve personalidade pública, Organizações criminosas) agrupam em seus corpóra reportagens que noticiam crimes cometidos contra ou por pessoas públicas e realizadas por carteis e outras organizações criminosas, respectivamente. Os crimes agrupados nessas duas classes são aqueles que tomaram proporção nacional, como:

Classe 2- 'El Pantera 16', jefe regional del Cártel del Golfo, fue policía en Tamaulipas (2018).

Classe 2 - Detienen a jefe del Cártel del Golfo en Puerto Vallarta (2018)

Classe 2 - Captan momento en que integrantes del CJNG interceptan a jóvenes en Puerto Vallarta (2020).

Classe 3 - Vinculan a proceso a Xóchitl Tress, exfuncionaria del gobierno de Javier Duarte Lavado de dinero (2019)

Classe 3 - Secuestro del hijo de 'El Chapo' Guzmán y cinco personas más en Puerto Vallarta (2016).

Classe 3 - Investigan asesinato de Aristóteles Sandoval (2020).

No que diz respeito aos principais crimes noticiados pelas reportagens, constata-se que foram assassinatos/homicídios, sequestro, tráfico de drogas e

roubo. Faz-se pertinente apresentar que em apenas uma reportagem foi veiculada um crime ambiental, neste caso trata-se da tentativa de roubo de uma tartaruga, matéria que foi ao ar em agosto de 2018.

Não menos importante evidencia-se que apesar de terem sido veiculadas reportagens sobre a percepção de insegurança da população sobre a vida em Puerto Vallarta, sobretudo a sensação de medo vivenciada pelas mulheres, não foram encontradas notícias em que fosse abordada a violência contra a mulher em suas diversas formas (estupro, violência doméstica, entre outros). Contudo, contradizendo as reportagens televisionadas, os dados do INEG (2020) apontam que mais de 80% das mulheres da região de Puerto Vallarta possuem uma sensação de insegurança ao transitar pelas ruas da cidade e do total da população, mais de 20% consideram que a situação da insegurança tende a piorar nos próximos anos. Segundo Becker (2002), referenciando o estudo desenvolvido por Davis, argumenta que existe uma distorção entre os crimes noticiados e o que de fato acontece, por consequência, a veiculação midiática dos atos criminosos em jornais, por exemplo, influenciam a percepção das pessoas sobre o aumento ou diminuição da criminalidade.

Dito isso, constatou-se que veiculação midiática de crimes locais (Classe 1), como roubo, furto, assassinato e sequestro, entre outros, só ocorre quando estes possuem elementos midiáticos favoráveis à exploração sensacionalista, como o sequestro de um empresário influente, o assalto a uma joalheria ou um tiroteio em um bar. Nessas reportagens a espetacularização se inicia com a divulgação das imagens de segurança; os criminosos, em sua grande maioria, não fogem ao clichê da população carcerária que são em sua maioria pessoas de baixa renda e periféricas. Essa representação do crime, segundo Durkheim (2002) ao dissertar sobre a escola italiana, diz respeito a uma concepção infundada em que características fenotípicas/patológicas ditarão a predisposição ao crime.

Observa-se uma desumanização dos criminosos, são referidos como monstros, por exemplo, contribuindo para uma estigmatização/estereotipação das populações periféricas como criminosos/monstros potenciais. Ainda que se tenham vídeos das câmeras de segurança, estas não captam com nitidez a fisionomia dos contraventores, logo, a maneira como a mídia se dirige a eles nas reportagens permite a construção de uma representação imagética da culpabilização mesmo em casos em que não houve uma acareação/investigação criminal.

Se apresentando como a antítese do perfil dos criminosos da Classe 1, na classe 2, algumas reportagens apresentaram um caso de um ator mexicano acusado de pedofilia. As reportagens veiculam a notícia com um ar de espanto, afinal, trata-se de um homem branco, de boa aparência e bem-sucedido. Dessa forma, como a mídia tem o poder de influenciar a percepção da população sobre o crime, ao representar essa figura que destoa do perfil estereotipado do criminoso, contribui para ressignificar as representações; entretanto, a maneira como é abordada a notícia, não potencializa a figura de um indivíduo bem-sucedido como criminoso em potencial, como é feito com as populações de baixa renda e (ou) periféricas.

Evidenciando que apesar das postulações de Lombroso terem sido refutadas a muito tempo, em certa medida, existe por meio da mídia uma manutenção dos estereótipos do criminoso (Goffman, 1982).

Em uma reportagem vinculada a Classe 1, foi televisionado em outubro de 2015 que um grupo de jovens foi detido com 50 gramas de maconha. Esse grupo de jovens foi apresentado como usuário, entretanto, no curso da reportagem, como bem pondera Cunha (2019), era estruturada uma narrativa midiática em que o uso de substância ilícitas tornavam os indivíduos susceptíveis a cometerem diversos atos criminosos contra o patrimônio privado, como roubo, furto, entre outros; criando não só a estigmatização do dependente químico, mas das drogas como um todo.

De todo modo, no que diz respeito ao pequeno número de notícias na classe 1 (total de 17), ou seja, notícias que apresentem o crime regional, infere-se que, por se tratar de uma mídia nacional, os casos de crimes locais, que, por sua vez, poderiam interferir na economia haja visto que Puerto Vallarta se trata de uma região turística, não são veiculados pela grande mídia. Tais observações vêm ao encontro das análises realizadas pelo Banco de México (2019), onde os resultados apontam que a procura por locais turísticos no país está diretamente relacionada a percepção que os turistas possuem sobre a segurança local. Neste estudo, analisando os trends do google no período de 2008 a 2018, é constatado que houve um aumento na procura pelo turismo em Puerto Vallarta, por exemplo, pois os turistas não estão representando o destino como inseguro.

À vista disso, pode-se dizer que a ausência da veiculação dessas notícias pode ser compreendida como uma estratégia que irrompe a circulação das representações, afinal, para a consolidação de uma representação a comunicação é primordial (Moscovici, 2015; Jodelet, 2001) e, na ausência da mesma, não ocorre o estímulo mental para a formação pelo público – neste caso, turistas estrangeiros, nacionais e a população mexicana que não reside na região de Puerto Vallarta – e dessa forma as representações da insegurança não se consolidam.

Em contrapartida, as reportagens da classe 2 e 3 por não se tratarem de crimes contra pessoas “comuns” apresentam um grande número, totalizando 81. Esse número expressivo, principalmente se comparado ao da classe 1, se dá não apenas por serem de pessoas públicas, mas por estarem de alguma forma desassociado do cotidiano comum. Na classe 2, como supracitado, encontram-se reportagens que retratam crimes políticos, crimes cometidos por celebridades da TV, crimes contra políticos, etc. Dois crimes em específicos foram televisionados incessantemente, o assassinato de Aristoteles Sandoval e a detenção do Ator de novelas acusado de pedofilia.

As reportagens que tratavam do assassinato do Ex-governador de Jalisco Aristoteles Sandoval trazem imagens do tiroteio, detalham informações sobre a região onde ocorreu o atentado com esquemas e mapas, mostram o “Distrito/5” restaurante onde o mesmo foi assassinado.

A disposição dos vídeos e imagens invoca a percepção emocional de maneira mais intensa que o

discurso, contribuindo para que a representação se estruture no imaginário popular (Hall, 2016; Menasche, 2005). Isso pode ser constatado nas reportagens que tratam do assassinato de Aristoteles, nas quais mesmo aquelas que não tinham como tema central o assassinato e sim a investigação, imagens do tiroteio e do restaurante são reprisadas durante a veiculação. Essas mesmas imagens são reprisadas várias vezes em notícias de jornais e em meses diferentes na mesma emissora.

Doravante, como estratégia para a comoção do público, além das imagens, em todas as reportagens que abordaram o assunto, frases como: “Cuando el exgobernador se levantó para ir al baño, fue brutalmente agredido por un individuo armado, que le disparó por la espalda”; foram ditas pelos jornalistas e ancoras dos jornais. Para além, em todas as reportagens era apresentado um breve histórico sobre a vítima semelhante ao que se encontra a seguir:

Aristoteles Sandoval nasceu em Guadalajara em 1974 e foi prefeito de Guadalajara entre 2010 e 2012 e governador de Jalisco entre 2013 e 2018 pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI). Formou-se em direito pela Universidade de Guadalajara e fez mestrado em Políticas Públicas e Gestão no Instituto Tecnológico e de Estudos Superiores do Oeste (ITESO) (Notícia Veiculada em Dezembro de 2020).

Segundo Moscovici (2015), a reprodução constante dessas imagens e discursos contribui para reforçar as mensagens e as representações sociais. Neste caso, contata-se uma estratégia para uma possível comoção do público no que diz respeito à questão da criminalidade, porém, ao passo em que essas mensagens são difundidas, os jornais passam a veicular que crimes deste tipo não tem relação com a configuração dos atos criminosos em Puerto Vallarta, sendo estes crimes encomendados e pontuais; corroborando para uma narrativa onde tal ato destoa da realidade local, uma vez que atiraram apenas em Aristoteles, pelas costas e após este ir sozinho ao banheiro.

Portanto, esse tipo de situação, ou seja, o assassinato, não é corriqueiro na vida cotidiana em Puerto Vallarta. Por esse prisma, o medo que turistas viriam a ter e em função desse, impedi-los de visitar Puerto Vallarta não se consolida de maneira veemente, afinal, não há uma interiorização de uma representação da região como insegura para turistas, sobretudo os estrangeiros.

No que diz respeito a Classe 3 (Organizações criminosas), em sua maioria, são veiculados conteúdos relacionados a criminosos e organizações criminosas mundialmente conhecidos, como por exemplo as notícias televisionadas no ano de 2016 que narravam o sequestro do filho do El Chapo ou notícias sobre as ações criminosas do Cartel Jalisco Nueva Generación (CJNG).

Essas reportagens, além de narrar o crime ocorrido retomam o contexto histórico dos crimes cometidos pelas organizações criminosas e os conflitos existentes entre as mesmas. Nas notícias sobre o sequestro do filho do El Chapo (9 notícias do ano de 2016), por exemplo, é rememorado os delitos cometidos por seu pai e seus irmãos, além de relembrar os conflitos com outros carteis



## REFERÊNCIAS

- Andrade, M. P.; & Doula, S. M. (2020) A mídia regional e representação social da violência: o caso dos refugiados venezuelanos no norte do Brasil. *Pauta geral - estudos em jornalismo*, (7), p. 1-20.
- Banco de Mexico (2019). *El Efecto de la Percepción de la Inseguridad sobre el Turismo Internacional en México, 2008 - 2018: Un Análisis Regional*.
- Baratta, A. (2007) *Criminologia crítica e crítica do direito penal*. Rio de Janeiro: Ed. Revan.
- Bordua, D. (1961) Delinquent Subcultures: Sociological Interpretations of Gang Delinquency. *The Annals of American Academic*. 119-136.
- Bueno, M. (2002). *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa*. (Dissertação de Mestrado em Geografia Humana) Universidade de São Paulo – USP: São Paulo.
- Cogo, D. (2012). *Latino-americanos em diáspora: usos de mídias e cidadania das migrações transnacionais*. Rio de Janeiro: Tríbia.
- Cunha, M. I. (2019). *Criminalidade e Segurança*. Lisboa. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Durkheim, E. (2002) *Lições de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Giddens, A. (2008) *Sociologia*. Tradução de Alexandra Figueiredo; Ana Patrícia Duarte Baltazar, et al. 6ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Goffman, E. (1982). *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Halbwachs, M. (1994). *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona: Anthropos, 2004. Tradução de: Éditions Albin Michel.
- Hall, S. (2016). *Cultura e representações*. (D. Miranda e W. Oliveira, Trad) Ed. PUC Rio de Janeiro, 2016 (Obra original publicada em 2013).
- Herre B.; Spooner F.; Roser, M. (2023) “Homicides”. Published online at OurWorldInData.org. Disponível em: <https://ourworldindata.org/homicides>> Acesso no dia 29/12/2023.
- INEGI. *Instituto Nacional de Estadística y Geografía*, (2020) (2021, febrero). Disponível em: < <https://www.inegi.org.mx/>>.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In: D. Jodelet (org.). *As Representações Sociais*. (T. B. Mazzotti, Trad.). Rio de Janeiro: UFRJ-Faculdade de Educação.
- Minayo, M. C. S. (2020). O conceito de Representações Sociais da Sociologia Clássica. In: Guareschi, P.; Jovchelovitch (orgs.) *Textos em Representações Sociais*. Ed. Petrópolis, 4ª reimpressão. (Obra original publicada em 1994).
- Moscovici, S. (1978). *A Representação Social da Psicanalyse*. (A. Cabral, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar Editores (Obra original publicada em 1961).
- Moscovici, S. (2015). *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. (P. A. Guareschi, Trad.) Rio de Janeiro: Editora vozes (Obra original publicada em 2000).
- ODALIA, N. (1983) *O que é violência*. 1ª. ed. São Paulo: brasiliense.
- Sapori, L. F.; & Soares, G. A. D. (2015). *Por que cresce a violência no Brasil?* 1ª. ed. Belo Horizonte: autêntica.
- Tranflaglia, N. (2010). Criminalidade e política: alguns exemplos. In: Dino, A.; & Maierovitch, W.(org). *Novas tendências da criminalidade transnacional mafiosa*. São Paulo, EDUNESP.
- UNODC - United Nations Office on Drugs and Crime.(2023) *Intentional Homicide*. Disponível em: <https://dataunodc.un.org/dp-intentional-homicide-victims>> Acesso no dia 29/12/2023
- Viana, E. (2016). *Criminologia*. 4ª rev. ampl. e atual. ed. Salvador: JusPODIVM.

## Declaração CRediT sobre autoria

Termo	Definição	Autor 1	A2	A3
Conceitualização	Ideias; formulação ou evolução de objetivos e objetivos de investigação abrangentes	X	x	x
Metodologia	Desenvolvimento ou concepção de metodologia; criação de modelos	X	x	x
Software	Programação, desenvolvimento de software; concepção de programas de computador; implementação do código informático e algoritmos de suporte; teste dos componentes de código existentes			
Validação	Verificação, quer como parte da atividade quer separadamente, da replicação/reprodutibilidade global dos resultados/experimentações e outros resultados da investigação	x	x	
Análise formal	Aplicação de técnicas estatísticas, matemáticas, computacionais, ou outras técnicas formais para analisar ou sintetizar dados de estudo	x	x	
Investigação	Condução do processo de investigação e investigação, realizando especificamente as experiências, ou recolha de dados/evidências	x	x	x
Recursos	Fornecimento de materiais de estudo, reagentes, materiais, pacientes, amostras de laboratório, animais, instrumentação, recursos informáticos, ou outras ferramentas de análise	x	x	x
Curadoria de dados	Atividades de gestão para anotar (produzir metadados), lapidar dados e manter dados de investigação (incluindo código de software, onde é necessário para a interpretação dos próprios dados) para utilização inicial e posterior reutilização	x	x	
Escrita - Esboço original	Preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado, redigindo especificamente o projeto inicial (incluindo a tradução substantiva)	x		
Escrita - Revisão & Edição	Preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado por aqueles do grupo de investigação original, especificamente revisão crítica, comentário ou revisão - incluindo fases pré ou pós-publicação	x	x	x
Visualização	Preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado, especificamente visualização/apresentação de dados	x	x	x
Supervisão	Supervisão e responsabilidade de liderança no planeamento e execução da atividade de investigação, incluindo mentoria externa à equipa central	x	x	x
Administração do projeto	Responsabilidade pela gestão e coordenação do planeamento e execução da atividade de investigação	x		
Aquisição de financiamento	Aquisição do apoio financeiro para o projeto conducente a esta publicação			

Fonte: reproduzido de Elsevier (2022, s/p), com base em Brand et al. (2015).

Processo Editorial / Editorial Process / Proceso Editorial  
 Editor Chefe / Editor-in-chief / Editor Jefe: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).  
 Recebido / Received / Recibido: 01.07.2023; Revisado / Revised / Revisado: 15.08.2023 – 28.11.2023; Aprovado / Approved / Aprobado: 10.12.2023; Publicado / Published / Publicado (online): 29.12.2023.  
 Documento revisado por pares / Peer-reviewed paper / Documento revisado por pares.